



**CONTEÚDOS REPRESENTACIONAIS DE MULHERES E HOMENS
SOBRE A VIOLÊNCIA**

**CONTENIDO REPRESENTATIVO DE MUJERES Y HOMBRES SOBRE
LA VIOLENCIA**

**REPRESENTATIONAL CONTENT OF WOMEN AND MEN ON
VIOLENCE**

*Carolina Coutinho Costa Vallejos*¹

*Victoria Leslyê Rocha Gutmann*²

*Marina Soares Mota*³

*Camila Daiane Silva*⁴

RESUMO

A violência permeia a sociedade, de modo que homens e mulheres cometem e são acometidos por esse fenômeno de maneira diferenciada. Objetivou-se descrever os conteúdos da representação social de mulheres e homens usuários da Estratégia Saúde da Família sobre a violência. Estudo qualitativo, com 32 usuários de oito Estratégias Saúde da Família, coletado por entrevistas e analisado pelo software IRAMUTEQ. Aprovação de Comitê de Ética. A agressividade e autoria da violência foi representada aos homens, enquanto o sexo feminino foi representado como frágil e, conseqüentemente, vítima. A desigualdade, a discriminação, o ciúme, o tráfico e a dependência de drogas, bem como a impunidade, foram alguns dos fatores representados como geradores de violência. Como fatores de proteção e prevenção, os participantes representaram o diálogo e a educação. Acredita-se que o conhecimento dos usuários contribuirá na construção de estratégias mais eficazes para detecção, enfrentamento e prevenção da violência.

¹ Mestranda em enfermagem. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

² Doutoranda em Enfermagem. Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil.

³ Doutora em Enfermagem. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.

⁴ Doutora em Enfermagem. Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Violência. Representação Social. Usuários da Estratégia Saúde da Família.

RESUMEN

La violencia permea a la sociedad, por lo que hombres y mujeres cometen y son afectados por este fenómeno de diferentes formas. El objetivo fue describir los contenidos de la representación social de mujeres y hombres que utilizan la Estrategia de Salud de la Familia sobre la violencia. Estudio cualitativo, con 32 usuarios de ocho Estrategias de Salud de la Familia, recolectadas a través de entrevistas y analizadas mediante el software IRAMUTEQ. Aprobación del Comité de Ética. La agresividad y autoría de la violencia fue representada a los hombres, mientras que las mujeres fueron representadas como frágiles y, en consecuencia, víctimas. La desigualdad, la discriminación, los celos, el narcotráfico y la adicción y la impunidad fueron algunos de los factores representados como generadores de violencia. Como factores de protección y prevención, los participantes representaron el diálogo y la educación. Se cree que el conocimiento de los usuarios contribuirá a construir estrategias más efectivas para detectar, enfrentar y prevenir la violencia.

PALABRAS-CLAVE: Violencia. Representación Social. Usuarios de la Estrategia de Salud de la Familia.

ABSTRACT

Violence permeates society, so that men and women commit and are affected by this phenomenon in different ways. The objective was to describe the contents of the social representation of women and men who use the Family Health Strategy on violence. Qualitative study, with 32 users of eight Family Health Strategies, collected through interviews and analyzed using the IRAMUTEQ software. Ethics Committee approval. Aggressiveness and authorship of violence was represented to men, while females were represented as fragile and, consequently, victims. Inequality, discrimination, jealousy, drug trafficking and addiction and impunity were some of the factors represented as generating violence. As protection and prevention factors, the participants represented dialogue and education. It is believed that users' knowledge will contribute to building more effective strategies for detecting, coping with, and preventing violence.

KEYWORDS: Violence. Social Representation. Users of the Family Health Strategy.

Introdução

A violência, considerada um problema de saúde pública e uma das principais causas de morte a nível global, pode ser compreendida como toda ação que viole a integridade e a dignidade da pessoa humana, em qualquer um dos aspectos de sua realidade (CARNEIRO; ANTÚNEZ, 2017). Na própria sociedade tem-se observado diversos fatores conjunturais na produção e/ou agravamento da violência, tais como a pobreza, a desigualdade social, o desemprego, a ineficiência de algumas instituições

básicas – como a família – e os estereótipos de gênero, isto é, os comportamentos esperados ou incentivados para os homens e para as mulheres (RIBEIRO; COUTINHO, 2011).

Assim, além da vulnerabilidade iminente de sofrer violência, homens e mulheres também podem ser os autores, sobretudo o grupo masculino, pois o processo de socialização traz a noção de que um comportamento agressivo é característico dos homens. Além disso, o estímulo dessa conduta, juntamente com a inibição dos sentimentos, pode resultar em atos violentos, tanto aos homens que o cercam, quanto às mulheres (SANTOS; MOREIRA, 2019).

As mulheres, por sua vez, são um grupo que sofre violência de gênero, caracterizada pela ideia de dominação masculina sobre o sexo feminino, suposto “sexo frágil”, deixando-as vulneráveis à violência. Logo, é de extrema importância que sejam analisadas as condições sociais e históricas que levam a essa experiência atual, para que se planejem estratégias, especialmente políticas públicas, para o enfrentamento de todas as formas de violência, sobretudo contra as mulheres (NASCIMENTO; SANTOS; ANGELO; SANTOS, 2020).

Desse modo, um dos setores que se destaca com grande potencial para abordar a violência é a Atenção Primária à Saúde, especificamente a Estratégia Saúde da Família (ESF), caracterizada como a principal porta de acesso ao Sistema Único de Saúde, onde os profissionais têm contato direto e contínuo com os usuários – proporcionando a detecção precoce das situações de risco, o atendimento às pessoas em situação de violência, a notificação e a prevenção de novos casos (MENDONÇA; MACHADO; ALMEIDA; CASTANHEIRA, 2020).

Para isso, no entanto, é preciso repensar a assistência pautada na doença, direcionando-a aos problemas sociais. Uma vez comprometida com essa mudança de paradigma, as equipes da ESF possuem capacidade para mudar a forma como a violência é naturalizada, o que exige, inevitavelmente, entender o que as pessoas representam por violência, de modo que as ações propostas, apoiadas na realidade dos indivíduos, sejam verdadeiramente resolutivas.

Neste sentido, a Teoria das Representações Sociais (TRS) busca reconhecer a dimensão subjetiva dos sujeitos e, com isso, revelar as consequências desse conhecimento nas atitudes e condutas relativas ao objeto da representação (SILVA; CAMARGO; PADILHA, 2011). Na literatura ainda são escassos os estudos que apontam as Representações Sociais de usuários da ESF acerca da violência, sendo mais

corriqueiras as pesquisas com as mulheres em situação de violência ou com os profissionais que prestam o atendimento a elas (RIBEIRO; COUTINHO, 2011; ACOSTA; GOMES; OLIVEIRA; MARQUES; FONSECA, 2018).

Portanto, considera-se importante conhecer os conteúdos representacionais de mulheres e homens usuários da ESF acerca da violência, de maneira a traçar possíveis fatores de risco ou de proteção, bem como as relações de gênero existentes, de modo a viabilizar a criação de estratégias efetivas para o enfrentamento e desnaturalização da violência. Posto isso, este estudo tem como objetivo descrever os conteúdos da representação social de mulheres e homens usuários da ESF sobre a violência.

Procedimentos Metodológicos

Trata-se de um estudo descritivo, exploratório, de abordagem qualitativa, fundamentado na TRS, realizado em oito unidades ESF da cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul, Brasil. Em cada uma das ESF, convidaram-se as quatro primeiras pessoas usuárias, duas mulheres e dois homens, que aceitassem participar da pesquisa, totalizando 32 participantes, 16 mulheres e 16 homens. Ressalta-se que a Secretaria de Saúde do município disponibilizou uma lista com todas as 25 unidades de saúde vinculadas à ESF, de modo que foram selecionadas as oito primeiras para se chegar ao total de 32 participantes – uma vez que é consenso, entre os teóricos das representações sociais, que 30 é um quantitativo mínimo em se tratando de entrevistas (SANTOS; GOMES; OLIVEIRA, 2014).

Foram incluídos(as) usuários(as) com idade igual ou superior a 18 anos que não possuíam limitações cognitivas de fala, compreensão e audição. Excluíram-se os usuários(as) que procuraram a ESF em situação de urgência/emergência. Acrescenta-se que as pessoas usuárias foram convidadas a participar após terem suas necessidades atendidas, sem prejuízo destas com o acesso aos serviços da unidade (assinando o termo de consentimento). A pesquisa obteve parecer aprovado do Comitê de Ética em Pesquisa, sob C.A.A.E. nº 03758918.1.0000.5324. Para a coleta de dados, utilizou-se um roteiro de entrevista semiestruturado, elaborado especificamente para essa pesquisa, contendo questões fechadas para caracterização dos participantes e perguntas abertas norteadoras acerca da temática da violência.

Em cada ESF foi solicitada uma sala reservada e livre de ruídos para a gravação (em áudio) das entrevistas. O tempo médio das entrevistas foi de 30 minutos. Para a

preservação do anonimato, os participantes foram identificados pela inicial “P” de “Pessoas”, seguido do número da ordem de realização da entrevista (P1, P2, P3...), além da caracterização de sexo – Feminino (F) ou Masculino (M).

Para o tratamento dos dados, foi utilizado o *software* Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires (IRAMUTEQ) 0.6 alpha 3, desenvolvido por Pierre Ratinaud, o qual possibilita a realização de análises estatísticas sobre dados textuais, fornecendo contextos e classes com conteúdo a partir da semelhança dos seus vocabulários. Para inclusão dos elementos em suas respectivas classes, são utilizados dois critérios: a frequência maior que a média de ocorrências no *corpus* e a associação com a classe determinada pelo valor de qui-quadrado igual ou superior a 3.84. O mesmo *software* permite a criação da nuvem de palavras, que é uma análise lexical mais simples que possibilita uma rápida visualização do seu conteúdo, em que as palavras mais importantes estarão mais no centro e serão graficamente maiores que as outras (SOUSA; GONDIM; CARIAS; BATISTA; MACHADO, 2020).

Resultados e discussão

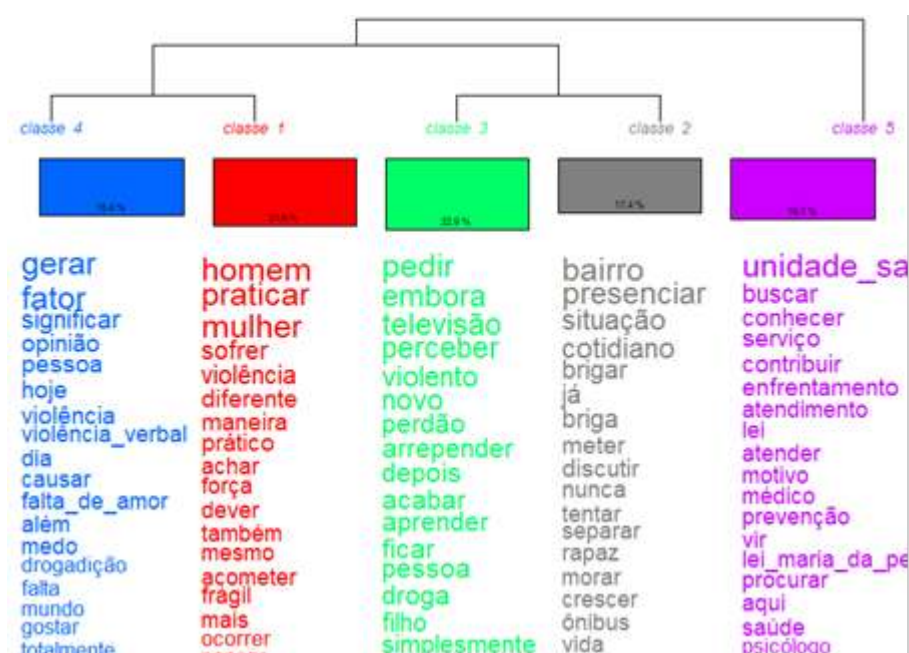
Os(as) usuários(as) participantes tinham idade entre 18 e 79 anos. Quanto a cor/raça autodeclarada, 56,6% foram brancas, seguida de negra (40,6%). A maior parte dos participantes se declarou heterossexual (97%). A maioria possuía nível fundamental de escolaridade (50,6%) e 50% estavam trabalhando. Também a maior parte dos participantes possuíam um(a) companheiro(a) (81%) residindo, na maioria das vezes, com o(a) mesmo(a) (67,3%), sendo de um (24,6%) a dois filhos (28,6%) a média mencionada.

O *corpus* geral foi constituído por 32 textos, separados em 696 Segmentos de Texto (ST), com aproveitamento de 593 desses ST, o que corresponde a 85,2%. Surgiram 24.549 ocorrências (entre palavras, formas ou vocábulos), sendo 2.755 palavras distintas e 1.391 com uma única ocorrência. A partir do cruzamento dos ST, aplicou-se o método da Classificação Hierárquica Descendente (CHD), o qual permite a formação de um esquema hierárquico de classes, de modo que os pesquisadores possam inferir acerca do conteúdo, denominar as classes e compreender cada grupo de discurso.

Assim, foram evidenciadas cinco classes: classe 1, com 128 ST (21,6%), classe 2, com 103 ST (17,4%), classe 3, com 136 ST (22,9%), classe 4, com 109 ST (18,4%) e classe 5, com 117 ST (19,7%), conforme ilustra a figura 1. Nesse estudo, serão

abordadas as classes 1 e 4, que correspondem a 21,6% e 18,4%, respectivamente, unidas como uma grande classe, mas subdivididas em duas. Ao inferir sobre o conteúdo, verificou-se que expressa acerca da representação dos fatores que podem gerar a violência, mais presente na classe 1, bem como a representação de como mulheres e homens cometem e são acometidos pela violência, obtendo predominância na classe 4. Portanto, de acordo com a análise do conteúdo, as classes 4 e 1 foram renomeadas, respectivamente como “A representação de ser mulher e homem frente à violência” e “A representação dos fatores que geram a violência”.

FIGURA 1: Dendrograma da Classificação Hierárquica Descendente.



Fonte: dados gerados pelo software IRAMUTEQ

Ainda, na figura 2, apresenta-se a nuvem de palavras referente às classes selecionadas. Observa-se que o termo mais importante é “violência”, seguido de “mulher” e “homem”. Esses termos reforçam que há uma diferença entre mulheres e homens quanto à violência, seja ela sofrida ou praticada. Além disso, as palavras “porque” e “pessoa” também têm destaque, indicando que os participantes se questionam e/ou apresentam o motivo, as causas e os fatores da ocorrência de violência aos homens, às mulheres ou a ambos.

FIGURA 2: Análise lexical dos termos mais frequentes.

Fonte: dados gerados pelo software IRAMUTEQ

A representação de ser mulher e homem frente a violência

Os participantes representaram o homem como autor frente à violência, enquanto a mulher foi representada como vítima. Os usuários(as) justificaram tal representação pela naturalização da agressividade dita como nata ao homem, enquanto as mulheres como o “sexo frágil”, por não terem capacidade para se defender ou pelo simples fato de ser mulher.

O homem se acha no direito de tirar a vida ou de cometer violência. (P10-F)

A mulher sofre mais violência. Eu acho que pelo fato de ser mulher. (P19-F)

Eu acho que a mulher é a mais afetada por causa do feminicídio, por uma questão geral, é um sexo mais frágil. (P14-M)

Acontece de a mulher ser mais frágil e o homem agredir a mulher mais corriqueiramente. (P1-F)

Segundo estas representações sociais, verifica-se o homem objetivado através da própria personificação da violência. Apesar de existirem vários padrões de masculinidade, o mais aceito culturalmente é o hegemônico, embasado em modelos

patriarcais que constituem características como o domínio sobre a mulher, a chefia familiar, a provisão do lar, o distanciamento emocional, a força, a competitividade e a sexualidade exacerbada. Esses comportamentos refletem a reprodução de princípios esperados do sexo masculino e que contribuem para a banalização da violência praticada pelos homens (SILVA et al., 2020).

Os participantes trouxeram os aspectos históricos e sociais em que a mulher sempre foi a responsável pelo cuidado com os filhos e o bem-estar do casamento como forma de explicar a fragilidade delas em um contexto de violência. Por outro lado, os homens não possuem essa responsabilidade imposta pela sociedade, sendo-lhes permitido não se importar com tais questões.

É estranho pensar numa mulher que pratique a violência. (P17-M)

Acredito ser muito comum as mulheres sofrerem violência, além de ter que conviver com isso, se submetem pelo medo de sofrer ainda mais. (P17-M)

Já a mulher é mais frágil, ela pensa em tudo, nos filhos, no casamento, e o homem não, ele pensa só nele. (P15-F)

Determinados atributos ditos masculinos, como o de provedor familiar e o de força, que caracterizam representações sociais ancoradas em um modelo sociocultural patriarcal, foram considerados positivos. Por outro lado, como negativos, foram consideradas as características históricas do sexo feminino, como a fragilidade, a passividade e a submissão, reforçando o papel social de agressor e vítima, respectivamente. Assim, mesmo diante das transformações históricas, sociais e culturais ao longo dos anos, em relação aos papéis de gênero, o discurso sobre o poder masculino segue ancorado na mentalidade socialmente construída acerca da noção de poder ao homem e da inferioridade feminina, contribuindo para a perpetuação dos atos de violência contra as mulheres (FERREIRA; LASNEAU; BERNADINO, 2019; RIBEIRO; COUTINHO, 2011).

Enquanto as mulheres foram vistas como “sexo frágil”, os homens apenas foram citados como possíveis vítimas da violência quando associados ao grupo LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexual e outros). Esse grupo, historicamente, é alvo de agressões e ataques discriminatórios devido sua orientação sexual, identidade e/ou expressão de gênero.

Quando fala em homem que sofre violência penso nos homossexuais, porque o homem sofrendo violência é muito difícil. (P17-M)

Existem casos de homens que agredem homens, homens homossexuais que apanham por conta da falta de respeito. (P1-F)

A população LGBTQIA+ é, muitas vezes, considerada “inferior” aos homens heterossexuais, por não se encaixar nos padrões hegemônicos da masculinidade e se ligar ao feminino, a transitar entre gêneros ou até mesmo não se identificar com o binarismo. Sendo assim, tornam-se alvo para críticas e atos de violência de todos os tipos. A masculinidade hegemônica tem grande impacto na vida de homens gays, devido às situações de discriminação e homofobia geradoras de sofrimento psíquico e, não raras vezes, de agressões físicas (MOURA, 2019).

Quando se trata do tipo de violência praticada por homens e mulheres, os participantes representaram que as violências físicas e sexuais são cometidas por homens, enquanto a violência verbal e aquela contra os filhos, por mulheres. Alguns participantes, do sexo masculino, afirmaram ser justificável ser agressivo na rua e com outros homens.

Realmente tem diferença, geralmente o homem quer bater ou xingar, já a mulher dá as costas, tenta evitar a violência. (P3-M)

Os homens são bem mais agressivos e as mulheres praticam bem mais a violência verbal. (P2-F)

A mãe quando espanca uma criança que não pode se defender é pura covardia. (P28-F)

Em relação ao tipo de violência praticada por homens e mulheres, os participantes representaram que a física e a sexual são as mais comuns para os homens, uma vez que surge pelo sistema patriarcal – que julga o homem como poderoso sobre as mulheres e crianças, o que o autoriza a ser violento, mas ao mesmo tempo, de certa forma, o violenta por privar esse da expressão de si e de seus sentimentos. Enquanto a verbal é mais comum para as mulheres, que pode acontecer por, geralmente, não terem a mesma força física de um homem, de modo que as palavras acabam sendo a maneira mais fácil de agredir.

Essa representação vai ao encontro de um estudo transversal com dados de notificação compulsória registrados entre 2011 e 2017 no Sistema de Informação de Agravos de Notificação, o qual revelou os tipos de violência cometidos por homens contra as mulheres, sendo 86,6% violência física, 53,1% violência psicológica e 4,8%

violência sexual (MASCARENHAS et al., 2020). Porém, sabe-se que ainda há falhas nas notificações e que esses números podem não estar refletindo o quantitativo real.

Uma pesquisa realizada com crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica, acompanhados em serviços especializados de São Paulo, apresentou que 63% de crianças e/ou adolescentes já sofreram mais de uma forma de violência, tendo a psicológica como a mais frequente (82%), seguida pela negligência ou abandono (58%), violência sexual (26%) e a física (23%). Os perpetradores principais foram os pais, sendo pai e mãe (50,9%) ou somente um deles (30%) (HILDEBRAND; CELERI; MORCILLO; ZANOLLI, 2019). No estudo em tela, os participantes tiveram certa dificuldade em visualizar a mulher como autora de violência, representando a forma verbal como violência praticada pela mulher contra seus filhos.

A representação dos fatores que geram a violência

De acordo com os participantes, existem vários fatores que podem gerar a violência, seja ela física, verbal, psicológica ou sexual. Um dos motivos representados foi a banalização da violência, uma vez que essa problemática se tornou algo comum no cotidiano dos indivíduos, o que pode esclarecer a falta de humanidade e de preocupação com o próximo.

As pessoas estão achando que a violência se tornou normal, virou rotina. (P1-F)

A violência não faz bem, mas é muito complicado, ficou comum hoje em dia. (P17-M)

Falta de humanidade é um dos fatores que geram violência [...] todos estão muito individualistas, não medem as palavras, acham que não faz mal o que se fala. (P9-F)

Um pouco de desumanidade mesmo e falta de amor. Se as pessoas pensassem mais em seu próximo e amassem mais uns aos outros não se agrediriam tanto. (P23-F)

A violência é normalmente entendida como uma perturbação da ordem, um acontecimento que provoca danos físicos, psicológicos ou materiais, em algo ou em alguém, tendo a guerra sua forma mais extrema. No entanto, a violência também pode ser exercida e experimentada sem que seja nitidamente reconhecida e, logo, tornando-se banal e até naturalizada socialmente (PEREIRA; FERREIRA; LIMA, 2019).

Os participantes destacaram também que as crianças criadas em ambientes violentos tendem a reproduzir esse comportamento na vida adulta, de modo que o

ambiente em que ela se desenvolve tem grande influência em suas relações futuras. Outro fator citado foi a desigualdade social, citado pelos(as) usuários(as) como motivador para atitudes violentas na busca de garantia mínima para si mesmo e suas famílias.

Eu sofri violência quando menor, por isso me tornei uma pessoa mais agressiva e hoje em dia quero esquecer do passado. (P30-M)

Um dos fatores que gera a violência é a desigualdade social, uns com tanto e outros sem nada. (P15-F)

Se as pessoas da periferia não passassem por tantas dificuldades não precisariam recorrer à violência. (P12-M)

O conceito de violência estrutural, ou seja, a violência produzida e/ou perpetuada pelas organizações econômicas e políticas, isto é, o Estado, busca tornar evidente as formas silenciadas de violência, expressas em oportunidades desiguais, na discriminação e em injustiças – tanto no que se refere ao acesso à educação, à saúde e ao alimento, quanto à renda e ao emprego formal. Assim como os(as) usuários(as) da ESF representaram a desigualdade social como motivadora de atitudes violentas, Pereira, Ferreira e Lima (2019) também atribuem o aumento dos índices de violência ao crescimento dos indicadores de pobreza.

A pobreza expõe a violência de maneira geral, não significando, porém, que um lar pobre seja violento ou não tenha amor. Portanto, essa forma de violência produzida ou perpetuada não se define, necessariamente, como um processo ativo e deliberado, mas pode revelar-se pela ausência de proteção e garantia de necessidades básicas, acarretando uma série de negação de direitos à vida digna dos indivíduos que, por consequência, expande a exclusão social e favorece o surgimento ou o aprofundamento de atos de violência (PEREIRA; FERREIRA; LIMA, 2019).

A discriminação, fator histórico para a reprodução da violência, também foi representada pelos participantes. Seja contra mulheres, negros, população LGBTQIA+, indígenas ou imigrantes, isto é, pessoas que não estão em um padrão estético ou comportamental considerado “ideal”/“majoritário”, a discriminação induz as pessoas a cometerem atos de violência.

Por meu marido ser magro e negro e eu ser gorda e branca sofro esse preconceito, de um homem bonito estar com uma mulher gorda. (P1-F)

Tem vezes que uma pessoa comete a violência do nada, como foi no caso dos meus amigos homossexuais [vítimas]. (P7-F)

A discriminação não ocorre de forma simplificada, tendo em vista que existem diversos marcadores sociais que tornam alguns indivíduos mais vulneráveis à violência e à exclusão social. Dentre esses marcadores cita-se a raça, o gênero, a orientação sexual, a escolaridade, a classe social e econômica e outras características “não convencionais” aos padrões impostos pela sociedade (FEIJÓ; GOMES, 2018). No Brasil, existe uma cultura de agressão e violação de direitos contra os “diferentes”, tratando-os de forma subalterna, desrespeitosa e desigual, conforme representaram os(as) usuários(as) da ESF.

No entanto, é preciso estar ciente, por exemplo, que a injustiça sofrida por mulheres brancas é distinta daquela que atinge as mulheres negras, assim como a discriminação experimentada por homens negros e por mulheres negras não é a mesma. Na fala da P1 é possível visualizar essa interseccionalidade entre raça, gênero e a aparência física relatada. Logo, faz-se necessário compreender esse processo complexo de violência considerando a interseccionalidade, isto é, a sobreposição dos marcadores sociais que agravam as múltiplas formas de discriminação (FEIJÓ; GOMES, 2018). Dessa forma, a interseccionalidade deve estar presente na formulação das estratégias de combate à violência, como nas propostas jurídicas, uma vez que ainda não existem mecanismos de proteção à homofobia ou gordofobia, discriminações citadas pelos participantes deste estudo.

Outro fator citado pelos usuários(as) foi o ciúme, sentimento de insegurança, possessividade e controle sobre o outro levando a vários tipos de violências e inclusive à morte. Apesar de muitos relacionamentos sofrerem com o ciúme e o sentimento de posse velado, muitas vezes esse comportamento é naturalizado nas relações como uma demonstração de afeto e carinho, dificultando o reconhecimento precoce das situações de violência. Um estudo realizado em 13 estados brasileiros questionou os participantes sobre o ciúme nos relacionamentos e verificou que, para 39,8% dos participantes, o ciúme causa prejuízo na relação e impacta para ocorrência da violência conjugal (HAACK; FALCKE, 2020).

Um dos fatores que geram violência é o ciúme. (P32-F)

O desentendimento e as brigas são alguns dos fatores que podem gerar a violência. Acho que o ciúme e a traição fazem com que homens e mulheres sejam acometidos pela violência. (P6-M)

O estresse também foi representado como um fator de risco para violência, como as que ocorrem no trânsito, iniciadas, muitas vezes, por motivos fúteis que ofendem uma pessoa que pode estar passando por algum momento desagradável e, assim, gerar a violência. Moura, Tomé e Formiga (2020) acreditam que o número de infrações e acidentes de trânsito é alto e pode ser justificado pelo acelerado desenvolvimento urbano e a falta de infraestrutura adequada para tantos veículos. Assim, o tráfego de carros congestionados somado à sobrecarga de afazeres, à falta de tempo e o imediatismo do mundo moderno causa um estresse negativo nos condutores – que pode levar a comportamentos inadequados e agressivos, conforme ilustram as falas dos(das) usuários(as) da ESF.

São muitos fatores que influenciam na ocorrência da violência, às vezes é uma palavra mal-entendida, uma violência no trânsito. (P3-M)

O tráfico e a dependência de substâncias químicas foram outros motivos representados para a ocorrência da violência. Os participantes compreendem que a dependência de substâncias pode estar associada à carência de afeto, carinho ou ausência de propósito na vida e, conseqüentemente, levar a atitudes violentas.

A drogadição é um dos fatores que gera muita violência, além do tráfico. Hoje em dia o que mais gera a violência é a corrupção e o tráfico de drogas. (P11-M)

O desemprego e as drogas são outros fatores, porque muitas vezes a pessoa está sentindo falta de alguma coisa na vida e acha que a bebida e a droga são a resposta. (P15-F)

O uso de álcool e outras drogas é uma característica, muitas vezes, em comum nos autores de violência contra mulheres (MOREIRA; PEIXINHO; CORDEIRO; SOUZA, 2020). No entanto, é preciso problematizar que o uso de substâncias pelos homens, autores de violência, pode ser apenas um “encorajamento” para cometer as agressões, uma vez que a violência contra as mulheres está ancorada nas relações de poder entre homens e mulheres. Ainda, como frequentemente a violência contra as mulheres ocorre dentro do lar, afetando diretamente a mulher e quem convive com ela, como os seus

filhos, o ambiente que a criança cresce e está exposta pode determinar suas relações futuras, com a reprodução da violência, por exemplo. Greinert, Sá, Yaegashi, Marques e Grossi-Milani (2018), verificaram que crianças vítimas de violência doméstica também presenciavam outros fatores agravantes para violência, como o uso de substâncias químicas e o desemprego.

Todavia, para muitos(as) usuários(as), a impunidade é o que gera cada vez mais violência pois, atualmente, as pessoas se sentem autorizadas a cometerem atos contra a lei, sem receio da retaliação. Assim, os participantes representaram ser necessária a atuação mais rigorosa dos setores de segurança.

Acho que a violência possa ser prevenida sim, mas aqui no nosso país as penas não causam medo. (P11-M)

Deveriam ter mais regras e mais punição, os policiais tinham que tomar mais atitude para terminar com essa violência porque se não terminar cada dia terá mais. (P13-F)

Acho que mais policiamento, mais guardas, provavelmente não teria tanta violência. (P31-F)

Mexer na parte que deixa as pessoas impunes, rever a possibilidade de colocar pena de morte. Acho que assim minimizaria muito a violência. (P14-M)

Infelizmente, não raras vezes, crimes graves, como o homicídio, tem seus processos muito mais lentos e deficientes, levando ao abandono da investigação, principalmente quando passado muito tempo, pois isso dificulta a coleta de informações que identifique os autores do crime (FERRAZ, 2018). Ainda, alguns participantes sugeriram a pena de morte como solução para esses crimes, porém se sabe que essa prática está cada vez mais sendo abolida pelos países e substituída por mediações que respeitem os direitos humanos e o direito à vida (MORAES, 2018).

Outra solução que os participantes relataram é o aumento de policiamento. Sabe-se que, apesar do trabalho da polícia, a criminalidade avança incontrolavelmente, percebendo-se, assim, a necessidade de alguma mudança no planejamento para o enfrentamento da violência. Uma estratégia para a transformação positiva na polícia é o policiamento comunitário, que busca a aproximação e a participação da sociedade para o fortalecimento da luta contra a criminalidade (COUTO, 2019). Porém, embora seja urgente reformar os sistemas jurídicos, estas medidas, isoladas, são ineficazes, pois requerem que estejam acompanhadas de mudanças culturais e intersetoriais, para além

da área de segurança, mas também da saúde, da educação, da assistência social e da economia (RIBEIRO; COUTINHO, 2011).

Por fim, o diálogo e a educação foram representados como formas de prevenção da violência. Para os(as) usuários(as), a falta de diálogo pode influenciar na desumanidade e na falta de amor, uma vez que não se consegue compreender os sentimentos do outro, levando à impaciência, desentendimentos e, conseqüentemente, à violência. A falta de diálogo como geradora de violência também foi identificada em outras pesquisas, desencadeando comportamentos agressivos, além de ser percebida como um produto da violência, principalmente doméstica, visto que está presente em relações já desgastadas e sem possibilidade de conversa (LOURENÇO; JUNIOR, 2020; SANTOS; ZARPELLON; LAU, 2019).

Um dos fatores que gera violência é a falta de diálogo, o estresse, não que justifique, porque não justifica, mas o estresse causa a violência. (P19-F)

Para acabar com a violência teria que haver conversa, mas hoje em dia é complicado conversar com as pessoas. (P27-M)

Os fatores que geram violência são brigas, discussões, desentendimentos, desrespeito. (P21-M)

Um dos fatores que pode gerar a violência é a discordância e a falta de paciência. (P4-M)

Acho que o ponto é a educação em primeiro lugar e assim pode ser que melhore alguma coisa. (P31-F)

Ao entender a violência como uma construção social, é possível vislumbrar que ela possa ser desconstruída. Para isso, são necessárias intervenções a curto, médio e longo prazo, visando mudanças culturais de desnaturalização da violência. O Programa Saúde na Escola é um exemplo pertinente de política intersetorial, Saúde e Educação, para o desenvolvimento de diversas ações promotoras de saúde e cidadania, mediante diálogo e respeito, transformando verdadeiramente os comportamentos individuais e a realidade social (PINTO; SILVA, 2020).

Assim, verifica-se que, por ser multifacetada, a violência não conta com apenas uma explicação ou resolução, pois está diluída na sociedade em diversas manifestações que estão interligadas e fortalecidas por diversos fatores (PEREIRA; FERREIRA; LIMA, 2019). Portanto, ao compreender os indivíduos como participantes importantes da sociedade, elaboradores de um pensamento social no qual constantemente avaliam e reavaliam seus problemas e soluções, a Teoria das Representações Sociais permite levar

em consideração não somente o conhecimento científico mas, também, o senso comum para a elaboração de ações e estratégias mais resolutivas e viáveis à realidade dos indivíduos no enfrentamento à violência (SILVA et al., 2011).

Considerações Finais

Por meio desta pesquisa, foi possível conhecer os conteúdos representacionais de mulheres e homens usuários(as) da ESF sobre a violência, evidenciando as diferenças entre ser homem e ser mulher frente à violência, bem como os fatores de risco e de proteção acerca dessa problemática, de acordo com a realidade dos indivíduos.

Verificou-se que os atos de agressão foram introjetados socialmente como sendo comum ao sexo masculino, enquanto ao sexo feminino foi atribuída a fragilidade e a passividade. Conseqüentemente, os participantes representaram o homem como autor frente à violência, enquanto a mulher foi representada como vítima. Quanto aos fatores que podem gerar a violência, os participantes citaram a naturalização e a reprodução da violência, a desigualdade social, a discriminação, o estresse, o ciúme, o tráfico, a dependência de drogas e a impunidade.

Acredita-se que o conhecimento dos participantes deste estudo poderá subsidiar a proposição e construção de estratégias mais eficazes e resolutivas para a detecção precoce, o enfrentamento, a desnaturalização e a prevenção das situações de violência, bem como embasar pesquisas futuras, ampliando para outros serviços da Rede de Atenção à Saúde, uma vez que estudos como este não encerram a necessidade de investigação sobre o fenômeno.

Referências

ACOSTA, D. F.; GOMES, V. L. O.; OLIVEIRA, D. C.; MARQUES, S. C.; FONSECA, A. D. Representaciones sociales de enfermeras acerca de la violencia doméstica contra la mujer: estudio con enfoque estructural. *Rev. Gaúcha Enferm.*, v. 39, n. s/, p. 1-18. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2018.61308>. Acesso em: 23 dez 2022.

CARNEIRO, S. F. B.; ANTÚNEZ, A. E. A. Violência e resgate do humano: um olhar fenomenológico para a periferia de Salvador. *Psicol. Estud.*, v. 22, n. 4, p. 575-586. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v22i4.36988> Acesso em: 20 dez 2022.

COUTO, L. A. Polícia militar e policiamento comunitário: direções que se entrelaçam na defesa e garantia dos cidadãos. In: JUNIOR, J. R., COUTO, L. A., TOLEDO, M. A. A. Olhares entrelaçados, ciência e saberes em segurança pública: do bairro à pátria. Goiânia: Kelps. 2019. Disponível em: <https://kelps.com.br/catalogo/olhares-entrelacados-ciencia-e-saberes-em-seguranca-publica-do-bairro-a-patria/> Acesso em: 10 jan 2023.

FEIJÓ, V. P. C.; GOMES, D. S. C. Violação dos direitos humanos via discriminação: um panorama da violência pelo viés da interseccionalidade. *Revista Digital Constituição E Garantia De Direitos*, v. 11, n. 1, p. 277-292. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.21680/1982-310X.2018v11n1ID15201> Acesso em: 12 jan 2023.

FERRAZ, T. S. Articulação e comunicação entre os agentes do estado: possíveis impactos sobre a impunidade nos crimes de homicídio. *Revista AJURIS*, v. 45, n. 145, p. 267-292. 2018. Disponível em: http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/bibli_informativo/bibli_inf_2006/Rev-AJURIS_n.145.11.pdf. Acesso em: 12 jan 2023.

FERREIRA, K. M.; LASNEAU, L. P. P.; BERNADINO, A. V. A (des)construção dos padrões normativos de gênero. *Rev Mosaico*, v. 10, n. 1, p. 56-62. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.21727/rm.v10i1Sup.1753>. Acesso em: 10 jan 2023.

GREINERT, B. R. M.; SÁ, J. S.; YAEGASHI, S. F. R.; MARQUES, A. G.; GROSSI-MILANI, R. Família, comportamento e qualidade de vida em crianças vítimas de violência doméstica. *Rev Valore*, 4(ed. especial), 151-166. 2018. Disponível em: <https://revistavalore.emnuvens.com.br/valore/article/view/322> Acesso em: 18 jan 2023.

HAACK, K. R.; FALCKE, D. Seria o ciúme mediador entre as experiências na família de origem e a violência física na conjugalidade? *Psico-USF*, v. 25, n. 3, p. 425-437. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-82712020250303> Acesso em: 14 jan 2023.

HILDEBRAND, N. M.; CELERI, E. H. R. V.; MORCILLO, A. M.; ZANOLLI, M. D. Resiliência e problemas de saúde mental em crianças e adolescentes vítimas de violência. *Rev. Saúde Publ.*, v. 53, n. 17, p. 1-14. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2019053000391> Acesso em: 13 jan 2023.

LOURENÇO, L. M.; JUNIOR, G. V. P. Violência doméstica na agenda da saúde: crenças de gestores de uma microrregião. *Gerais*, v. 13, n. 1, p. 1-18. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.36298/gerais2020130112> Acesso em: 22 jan 2023.

MASCARENHAS, M. D. M.; TOMAZ, G. R.; MENESES, G. M. S.; RODRIGUES, M. T. P.; PEREIRA, V. O. M.; CORASSA, R. B. Análise das notificações de violência por parceiro íntimo contra mulheres, Brasil, 2011-2017. *Rev. brasil. epidemiol.*, v. 23, n. supl.1, p. 1-13. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-549720200007.supl.1> Acesso em: 22 jan 2023.

MENDONÇA, C. S.; MACHADO, D. F.; ALMEIDA, M. A. S.; CASTANHEIRA, E. R. L. Violência na Atenção Primária em Saúde no Brasil: uma revisão integrativa da

- literatura. *Cien saúde colet*, v. 25, n. 6, p. 2247-2257. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232020256.19332018> Acesso em: 22 jan 2023.
- MORAES, T. P. B. Trilha de sangue – direitos humanos e abolição da pena de morte. *Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito*, v. 21, n. 1, p. 164-181. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/conflu21i1.p560>. Acesso em: 22 jan 2023.
- MOREIRA, J. M.; PEIXINHO, H. L. S.; CORDEIRO, G. C.; DE SOUZA, J. M. Concepciones de género y violencia contra la mujer. *Ciencias Psicológicas*, v. 14, n. 2, p.e-2309. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22235/cp.v14i2.2309> Acesso em: 20 jan 2023.
- MOURA, M. P.; TOMÉ, A. M.; FORMIGA, N. S. A agressividade no trânsito e modernidade: reflexões sobre os aspectos psicossociais do ‘real’ desta realidade. *Psicologia.pt*, v. A1401, n. s/, p. 1-13. 2020. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1401.pdf>. Acesso em: 21 jan 2023.
- MOURA, R. G. A masculinidade tóxica e seus impactos na vida dos gays dentro das organizações. *Rev. Ciên. Trabalho*, v. 13, n. 1, p. 125-139. 2019. Disponível em: <https://rct.dieese.org.br/index.php/rct/article/view/194> Acesso em: 21 jan 2023.
- NASCIMENTO, F. R.; SANTOS, I. A.; ANGELO, L. M. D.; SANTOS, M. F. Mulheres vítimas de violência de gênero: perfil sociodemográfico. *Braz. J. of Develop*, v. 6, n. 6, p. 37962-37969. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.34117/bjdv6n6-369> Acesso em: 22 jan 2023.
- PEREIRA, C. R.; FERREIRA, G. T.; LIMA, E. Políticas públicas em direção à prevenção da violência estrutural. *Sociedade Contemporânea: debates entre educação e violência*, v. 6, n. 7, p. 16-24. 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1335> Acesso em: 20 jan 2023.
- PINTO, M. B.; SILVA, K. L. Health promotion in schools: speeches, representations, and approaches. *Rev. Bras. Enferm*, v. 73, n. 3, p. 1-7. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0774> Acesso em: 21 jan 2023.
- RIBEIRO, C. G.; COUTINHO M. P. L. Representações Sociais de Mulheres Vítimas de Violência Doméstica na Cidade de João Pessoa-PB. *Revista Psicologia E Saúde*, v. 3, n. 1, p. 52-59. 2011. Disponível em: <https://pssaucdb.emnuvens.com.br/pssa/article/view/81> Acesso em 05 fev 2023.
- SANTOS, A. A. O.; MOREIRA, M. C. Femicídio: uma análise sobre a construção das masculinidades e a violência contra a mulher. *Cadernos de psicologia*, v. 1, n. 2, p. 389-409. 2019. Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cadernospsicologia/article/view/2500/1633> Acesso em: 22 jan 2023.
- SANTOS, E. I.; GOMES, A. M. T.; OLIVEIRA, D. C. Representations of vulnerability and empowerment of nurses in the context of HIV/AIDS. *Texto & Contexto enferm.*, v.

23, n. 2, p. 408-416. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072014000700013> Acesso em: 22 jan 2023.

SANTOS, K. A.; ZARPELLON, B. C. O; LAU, E. C. Justiça restaurativa em casos de violência doméstica: (im)possibilidades. *Aporia Jurídica*, v. 1, n. 11, p. 1-11. 2019.

Disponível em:

<http://www.cescage.com.br/revistas/index.php/aporiajuridica/article/view/212> Acesso em: 12 jan 2023.

SILVA, A. F.; GOMES, N. P.; PEREIRA, A.; MAGALHÃES, J. F. R.; ESTRELA, F. M.; SOUSA, A. R. Atributos sociais da masculinidade que suscitam a violência por parceiro íntimo. *Rev. Bras. Enferm.*, 73(6), 1-7. 2020. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0470> Acesso em: 22 jan 2023.

SILVA, S. E. D. S.; CAMARGO, B. V.; PADILHA, M. I. A teoria das representações sociais nas pesquisas da enfermagem brasileira. *Rev Bras Enferm*, 64(5), 947-951.

2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672011000500022> Acesso em: 12 jan 2022.

SOUSA, Y. S. O.; GONDIM, S. M. G.; CARIAS, I. A.; BATISTA, J. S.; MACHADO, K. C. M. O uso do software Iramuteq na análise de dados de entrevistas. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, v. 15, n. 2, p. 1-19. 2020 Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082020000200015&lng=pt&tlng=pt Acesso em 22 jan 2023.

Recebido em maio de 2023.
Aprovado em junho de 2023.